

notícias de lugar nenhum

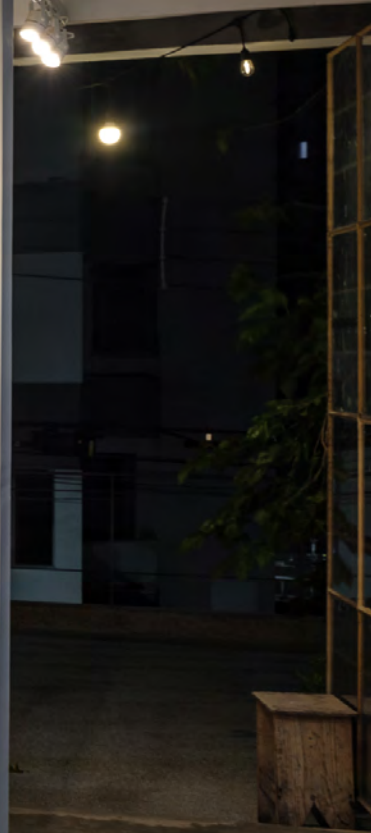
—

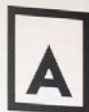
pedro alban

curadoria
joão gravador









galeria

notícias de lugar nenhum

—
pedro alban

curadoria
joão gravador



Tudo é poeira e pedra, até que Pedro

*“A eternidade é uma ideia humana,
e, portanto, é só uma figura de linguagem.”*

Frase atribuída a Jorge Luís Borges

Pedro Alban se desloca como um catador contemporâneo, coletando restos de um mundo em desaparecimento — pedaços de histórias descartadas e memórias perdidas que a cidade acumula entre suas ruínas e constantes reconstruções. Matérias brutalizadas pelo tempo, pelo descaso, pela violência urbana, que no exercício da coleta como gesto criativo, transformam-se em fragmentos do abandono.

Cada objeto carregado em sua caminhonete traz em si a marca de um tempo decorrido, em sobreposições que evocam as ausências do todo. Esse todo, mesmo partido, ainda carrega algo de completo em si, numa reconfiguração ativa dos espaços de memória e identidade, que se recusam a serem enterrados pela despersonalização da própria arquitetura como dispositivo de progresso.

Essa prática de observação, coleta e intervenção faz do artista um guardião/reorganizador do mundo, rearranjando esses fragmentos em composições que redefinem espaços físicos e simbólicos. Ao explorar esses objetos, Pedro questiona a função da demolição como um evento destrutivo e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico que turva a memória coletiva ao apagar traços do passado, num gesto político: uma forma de obliterar a percepção da cidade como parte de nós e interferir na construção das narrativas de identidade e pertencimento.

Esta exposição carrega o luto pelas perdas acumuladas na história de uma Bahia, os saberes construtivos que vão sendo esquecidos, a memória dos trabalhadores que ergueram essas estruturas e dos moradores que nelas viveram, o som e o cheiro dos antigos centros urbanos, as texturas e as cores das fachadas que desbotam, a atmosfera local, seus traços arquitetônicos e o próprio ritmo de vida, que é alterado nos processos de demolição e reconstrução. Essa tristeza, entretanto, é atravessada por uma contramelancolia que questiona a realidade das relações difíceis que tais construções, em verdade, imóveis, representavam — desde a precariedade nas condições de trabalho até as relações familiares frágeis. Essa qualidade documental revela o que acontece nos últimos dias de um edifício, trazendo uma urgência para a pergunta: como fixar a memória, e a materialidade, neste caso, dos lugares que já não existem?

De um lado, há o rigor e a precisão de uma arquitetura em desintegração; do outro, a fluidez e a abstração que as artes visuais permitem refazer. Traçados, formas e volumes arquitetônicos são reconfigurados em um território que evoca, simultaneamente, familiaridade e estranheza, remetendo a ruínas e fragmentos de uma cidade interior também desmembrada. Nessa cidade encontramos os rastros de uma reestruturação de encontros, desencontros, conflitos e ausências, que revelam a incessante busca pelo próprio sentido de fragmento, levando-nos a refletir: como habitar essas memórias dispersas?

Restos de paredes, tábuas de assoalho, caibros monolíticos e plantas baixas se tornam içamentos das texturas do vivido. Tais elementos redefinem o presente, ao mesmo tempo em que desafiam a transitoriedade das experiências humanas. Aqui, a memória não se coloca como uma tentativa de restaurar o passado nem de ressignificar o que sobreviveu. Ela é apenas mais um acúmulo.

Em suas peças, há essa tensão perene e contraditória entre o desejo de fixar formas e o de aceitar sua impermanência – um reflexo, talvez, de nosso próprio tempo, no qual corpos são desafiados pelo espaço físico que se transforma, como se as paredes da galeria fossem também destruídas para dar lugar a uma cartografia desses escombros. No fim, sua prática artística não busca conclusões ou totalidades; ao contrário, acolhe o fragmento, produzindo mais sobra.

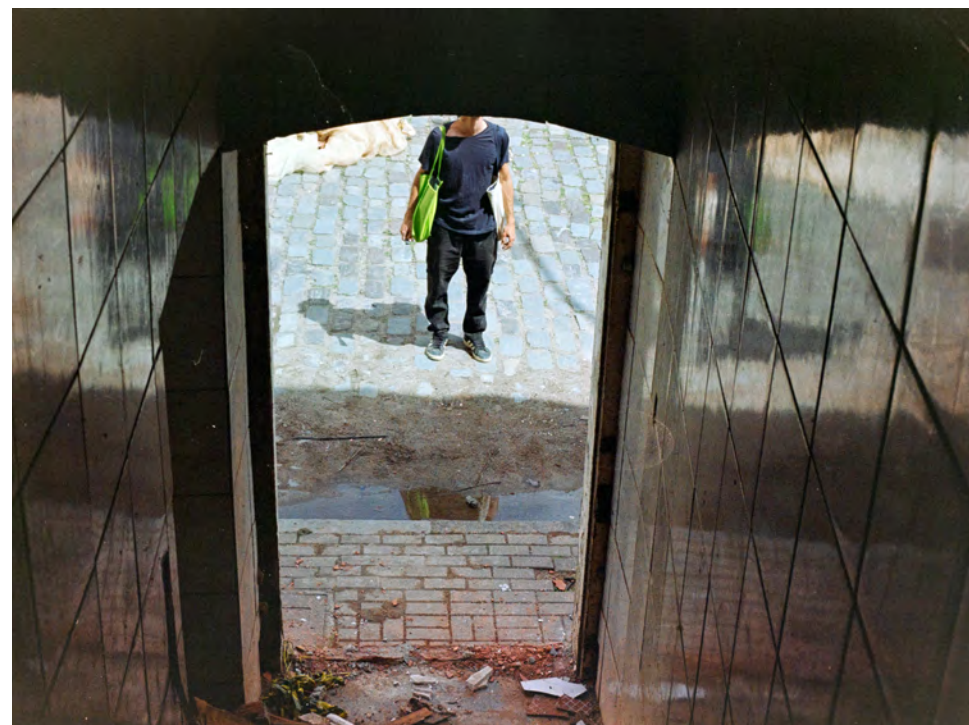
Pedro enfrenta o dilema dos últimos a visitar espaços a serem demolidos: o de ser a (derradeira) barreira entre o resgate e o descarte. Vive o paradoxo de conter o impulso de acumular ao mesmo tempo em que sente a urgência de preservar – uma prática marcada pela luta contra o lixo e a sua inevitabilidade, subvertendo o destino residual ao qual esses fragmentos seriam condenados.

Esses espaços são também uma crise, em que o artista se depara com a dicotomia do desejo. Por um lado, acredita no potencial deste como uma ferramenta que transforma a ruína em monumento; por outro, percebe que o mesmo alimenta a obsolescência na sociedade contemporânea. Como um arquiteto/artista, se vê responsável por colecionar objetos que, ao final, formam um outro mundo desorganizado.

Notícias de lugar nenhum é, então, um convite para pensar a própria natureza do esquecimento, abordando-o como fabulação de uma perda inevitável, com consequências para a memória coletiva, para o que decidimos preservar e o que deixamos para trás.

Pedro Alban cata o que lhe toca o coração: marcas do que desaparece diante de nós sem que façamos absolutamente nada. Guiado por esse afeto silencioso, um gesto que vai além do resgate material, se aproxima da criação de novos modos de pensar o mundo desde a ruína, no que poderíamos chamar de – por que não? – um ato de amor à própria memória como edifício de acúmulos. Afinal, parafraseando Johann Paul Richter (1763-1825), a memória é o paraíso e o inferno do qual não podemos ser expulsos.

João Gravador
sem lugar, sem tempo



OBRA INCLUIDAS NESTA SEÇÃO:

1. Rua da Graça I
sete fragmentos de pintura e massa comida (cada)
75x100cm
2. Rua da Graça II
fragmentos de pintura e massa comida (cada)
75x100cm
3. Rua da Graça III
fragmentos de pintura e massa comida (cada)
75x100cm
4. Rua da Graça IIII
fragmentos de pintura e massa comida (cada)
55x85cm
5. Rua de Sapucaia (série)
plantas de arquitetura intervenidas por fotografias (Cine Fone)
47x63cm
25x35cm
6. Rua de Cedro
fotografia impressa em pintura e óleo
40x30cm

OUTROS TÍTULOS

Curadoria: João Gravador
Montagem: Carlos Horta, Hilda Lobo, Julia Wain, Rodrigo Sena
Midiografia: Jonas Viana, Guilherme Schellenbach
Sumário: Ana de Jesus
Vernáculo: Salvador
Vernáculo: Salvador

notícias de lugar nenhum

Artistas: Ana de Jesus, André Waldman, Angelo da Silva, Ana Carolina, Carlos Horta, Clara Romero, Daniela Martins, João Gravador, Jonas Viana, Felipe Duarte, José Manoel Amorim, Juliana Marques, Larissa Pasquali, Larissa Martins, Léo Gregório, Marcus Alban, Marina Ferreira, Natália Leão, Paulo Florencio, Paula Cubilhas, Paula Muzzi, Paulo Florencio, Salvador, Victor Bezerra, Victor Andrade.

pedro alban

curadoria
joão gravador
Atelier Livre
Rua 423, Rio Vermelho
Salvador - Bahia

visitação até 07 de dezembro de 2014

Pedro

até que Pedro

Tudo é poeira, até que Pedro

"A entidade é uma id

"A entidade é uma id e, portanto, é só uma f

"A entidade é uma ideia humana, e, portanto, é só uma figura de linguagem.

Pedro Alban se desloca temporariamente, coletando restos de um mundo em desintegração — pedaços de histórias descartadas e memórias perdidas que a cidade acumula entre suas ruínas e constantes reconstruções. Matérias brutas que no exercício da coleta como gesto criativo transformam-se em fragmentos do abandono.

Pedro Alban se desloca temporariamente, coletando restos de um mundo em desintegração — pedaços de histórias descartadas e memórias perdidas que a cidade acumula entre suas ruínas e constantes reconstruções. Matérias brutas que no exercício da coleta como gesto criativo transformam-se em fragmentos do abandono.

Pedro Alban se desloca como um catador contemporâneo, coletando restos de um mundo em desintegração — pedaços de histórias descartadas e memórias perdidas que a cidade acumula entre suas ruínas e constantes reconstruções. Matérias brutas que no exercício da coleta como gesto criativo transformam-se em fragmentos do abandono.

Cada objeto carregado em si a marca de um tempo decorrido, em suas brechas que evocam as ausências do todo. Essa prática de observação, coleta e intervenção faz do artista um guardião/reorganizador do mundo, rearranjando esses fragmentos em composições que redefinem espaços físicos e simbólicos. Ao explorar esses objetos, Pedro questiona a função da demolição como um evento destrutivo e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico que turva a memória coletiva ao apagar traços do passado, num gesto político: uma forma de obliterar a percepção da cidade como parte de nós e interferir na construção das narrativas de identidade e pertencimento.

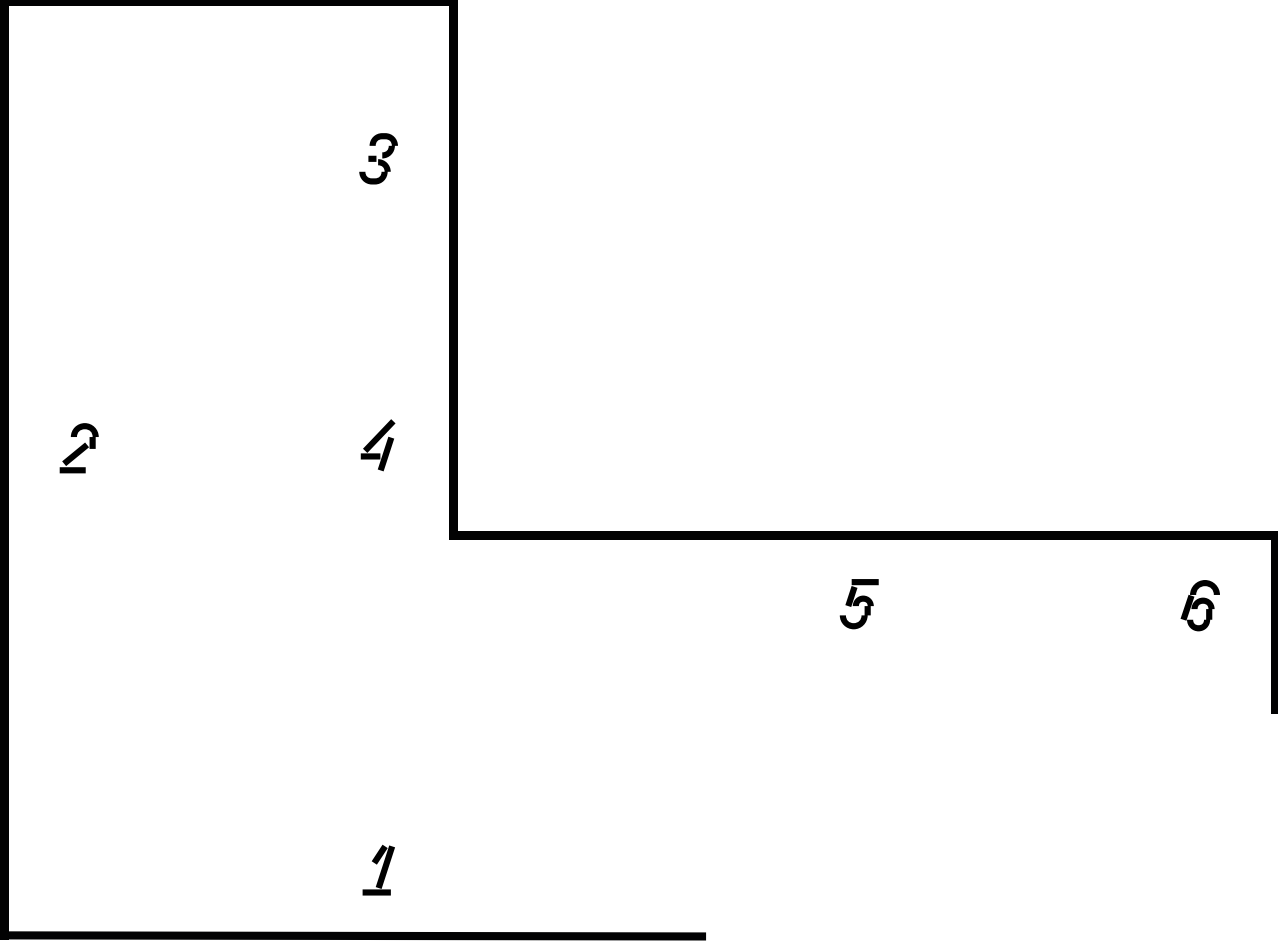
Cada objeto carregado em si a marca de um tempo decorrido, em suas brechas que evocam as ausências do todo. Essa prática de observação, coleta e intervenção faz do artista um guardião/reorganizador do mundo, rearranjando esses fragmentos em composições que redefinem espaços físicos e simbólicos. Ao explorar esses objetos, Pedro questiona a função da demolição como um evento destrutivo e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico que turva a memória coletiva ao apagar traços do passado, num gesto político: uma forma de obliterar a percepção da cidade como parte de nós e interferir na construção das narrativas de identidade e pertencimento.

Cada objeto carregado em si a marca de um tempo decorrido, em suas brechas que evocam as ausências do todo. Essa prática de observação, coleta e intervenção faz do artista um guardião/reorganizador do mundo, rearranjando esses fragmentos em composições que redefinem espaços físicos e simbólicos. Ao explorar esses objetos, Pedro questiona a função da demolição como um evento destrutivo e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico que turva a memória coletiva ao apagar traços do passado, num gesto político: uma forma de obliterar a percepção da cidade como parte de nós e interferir na construção das narrativas de identidade e pertencimento.

Essa prática de observação, coleta e intervenção faz do artista um guardião/reorganizador do mundo, rearranjando esses fragmentos em composições que redefinem espaços físicos e simbólicos. Ao explorar esses objetos, Pedro questiona a função da demolição como um evento destrutivo e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico que turva a memória coletiva ao apagar traços do passado, num gesto político: uma forma de obliterar a percepção da cidade como parte de nós e interferir na construção das narrativas de identidade e pertencimento.

Essa prática de observação, coleta e intervenção faz do artista um guardião/reorganizador do mundo, rearranjando esses fragmentos em composições que redefinem espaços físicos e simbólicos. Ao explorar esses objetos, Pedro questiona a função da demolição como um evento destrutivo e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico que turva a memória coletiva ao apagar traços do passado, num gesto político: uma forma de obliterar a percepção da cidade como parte de nós e interferir na construção das narrativas de identidade e pertencimento.

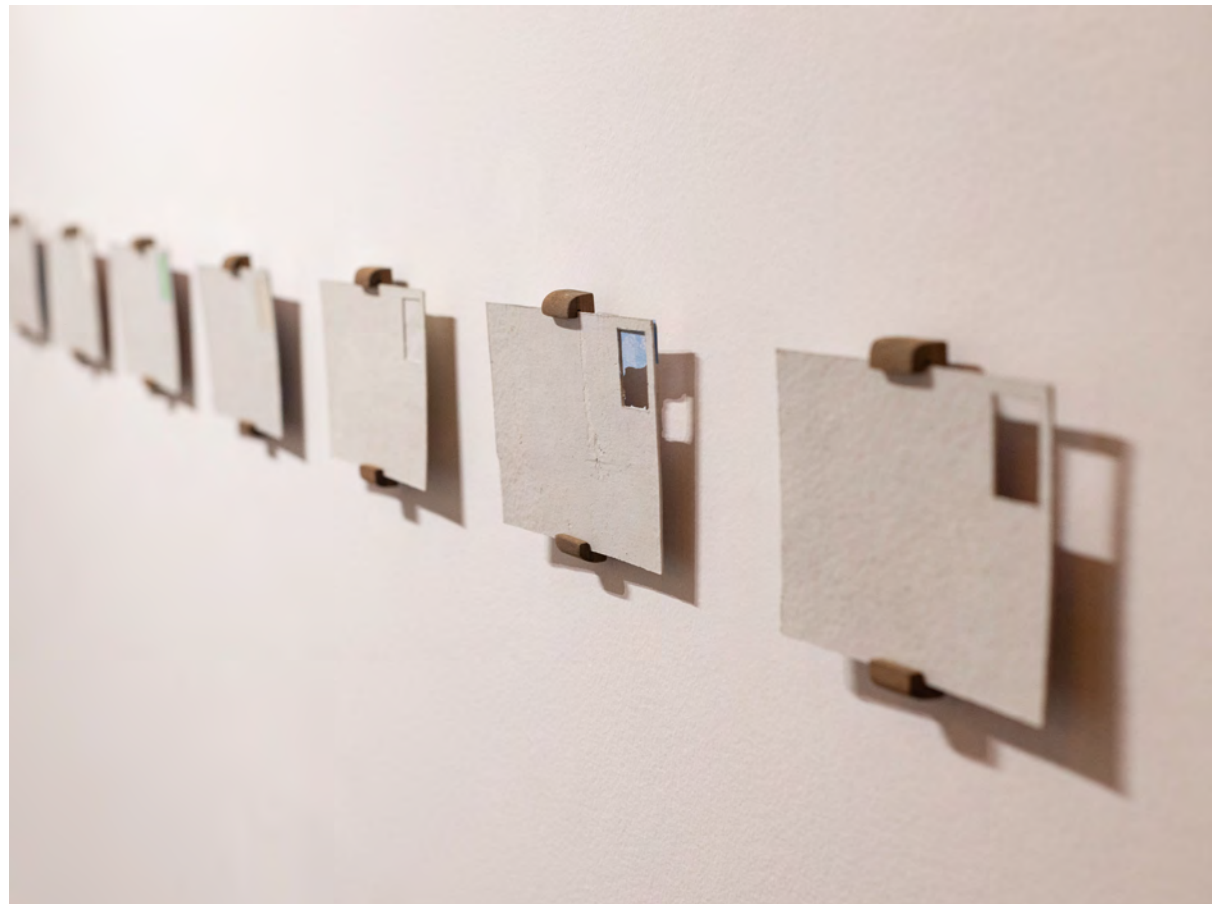
Essa prática de observação, coleta e intervenção faz do artista um guardião/reorganizador do mundo, rearranjando esses fragmentos em composições que redefinem espaços físicos e simbólicos. Ao explorar esses objetos, Pedro questiona a função da demolição como um evento destrutivo e, ao mesmo tempo, um dispositivo pedagógico que turva a memória coletiva ao apagar traços do passado, num gesto político: uma forma de obliterar a percepção da cidade como parte de nós e interferir na construção das narrativas de identidade e pertencimento.



1

Rua da Graça I

sete fragmentos de pintura
e massa corrida cortados
15x10cm (cada)









Praça Conde dos Arcos
pranchas de louro e vinhático
esculpidas por CNC
532x304x90cm











Rua da Graça II

fragmentos de pintura e
massa corrida cortados
15x10cm (cada)







4

Rua da Graça III
fragmentos de pintura e
massa corrida cortados
53x38cm







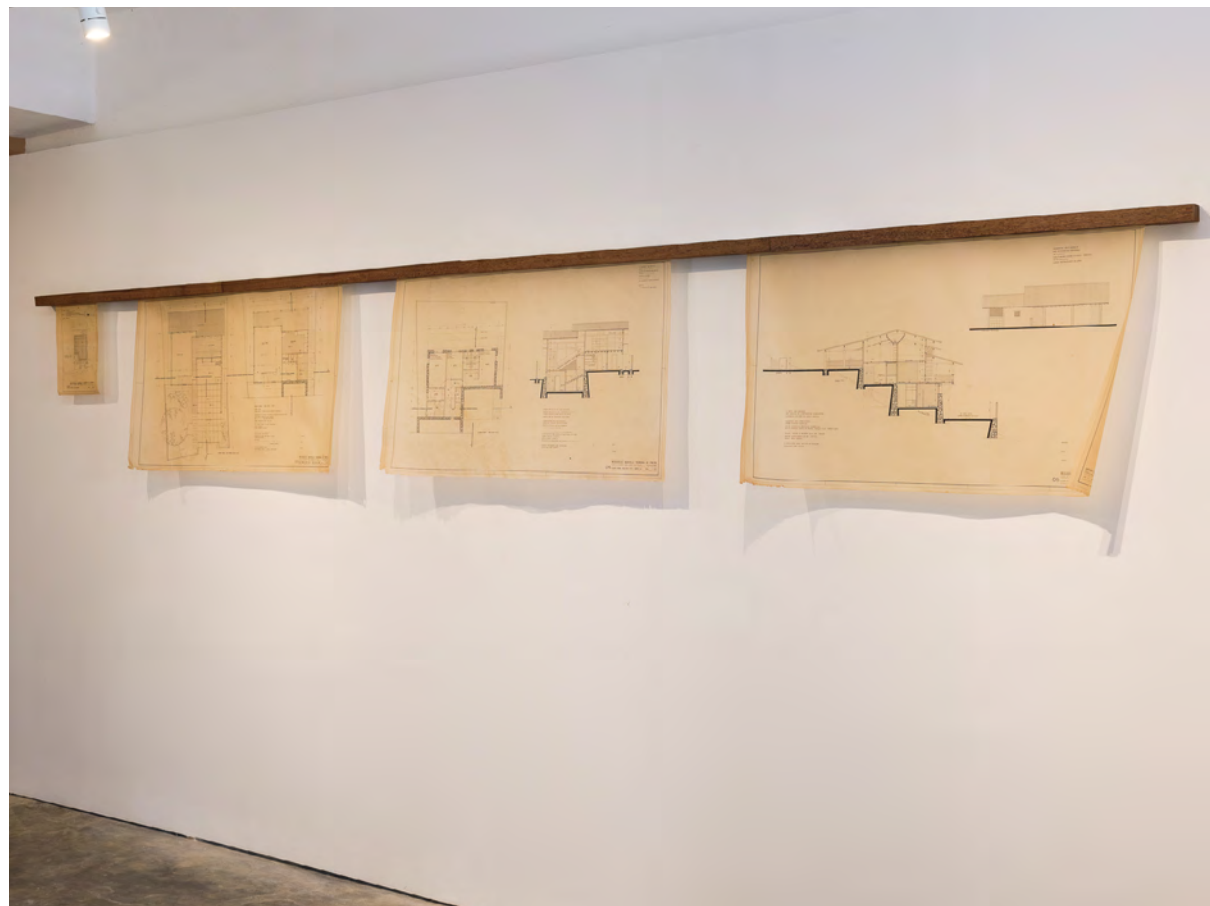
51

Rua da Sapucáia (série)

plantas de arquitetura intervindas
por normografista (Cione Fona)

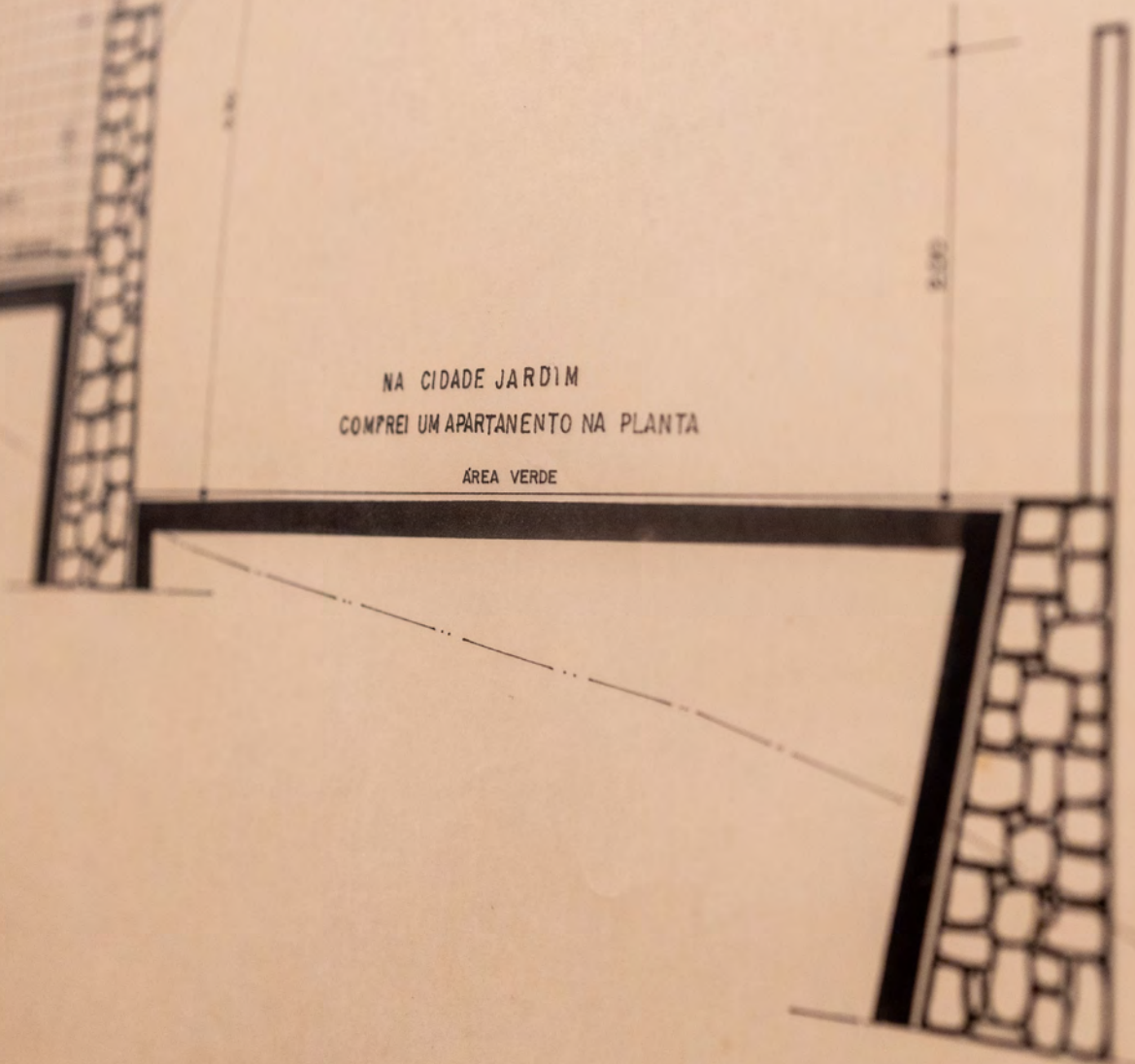
97x63cm

23x35cm



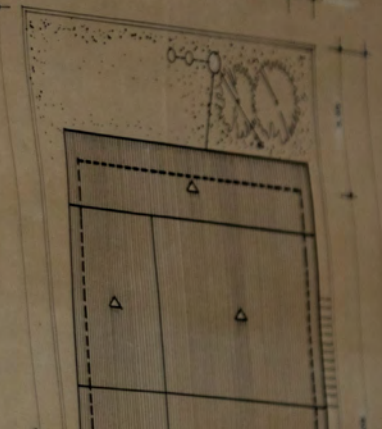
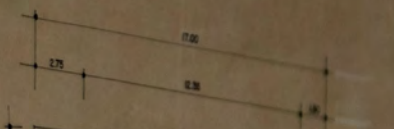


NA CIDADE JARDIM
COMPRI UM APARTAMENTO NA PLANTA
ÁREA VERDE





PROPRIETÁRIO: O CÃO NÃO SABE
MAS VAI VIRAR AUAU DE APARTAMENTO
É DESAPEGADO, NÃO USA EPI
PROJETO SE REVIRA NOS ESCOMBROS ENQUANTO DESTRUÍMOS A CASA
OS JABUTIS SABEM
POR ISSO SE ESCONDEM DE LAERTE, NO TERRENO
CONSTRUÇÃO: SEMANAS A FIO

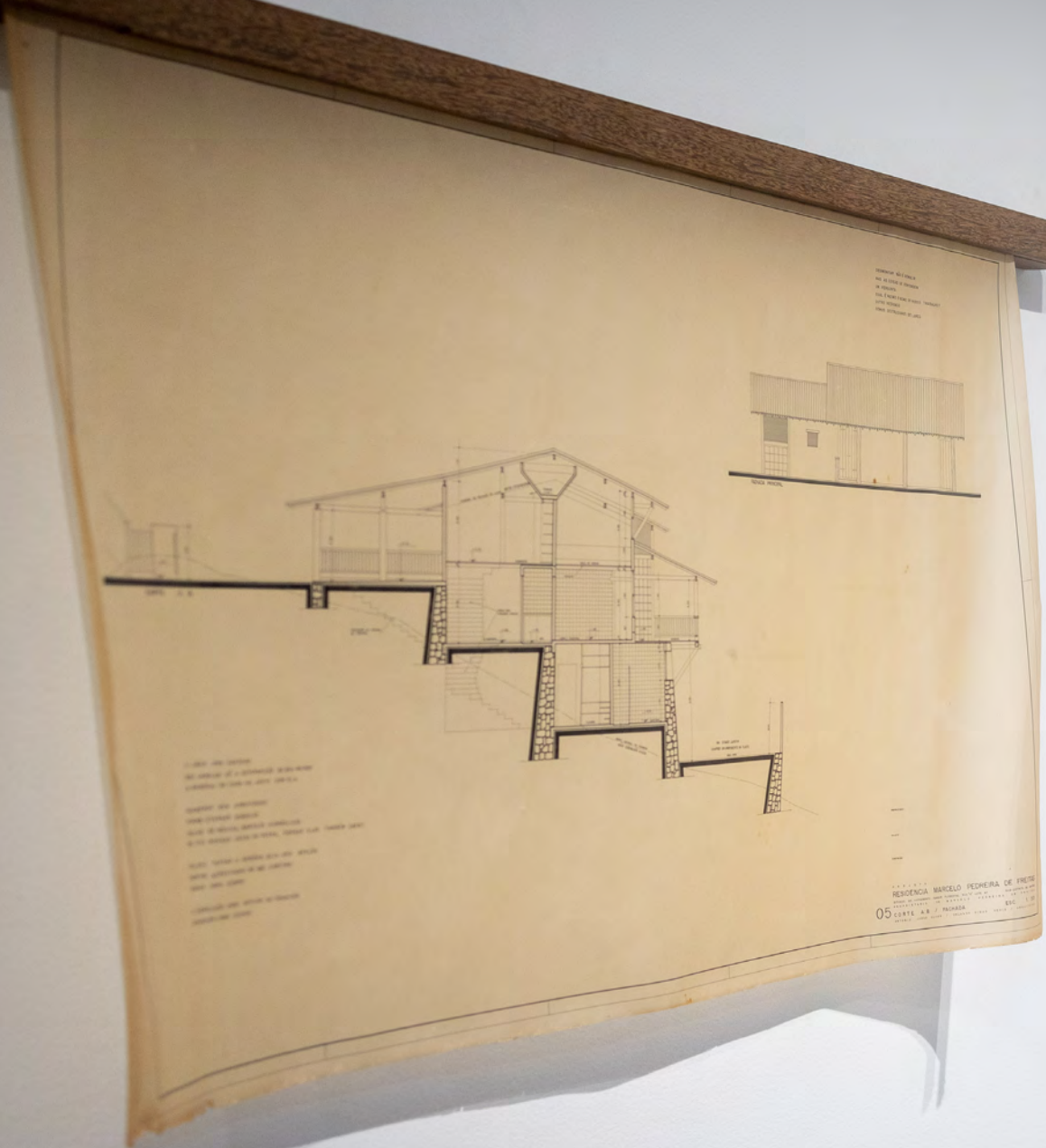


6

Rua do Cedro

fotografia intervinda por
pintura a óleo
40x30cm





PROYECTO DE CASA
EN EL CANTON DE...
EN...
DISEÑADO POR...
EN...
AÑO...

1.-...
2.-...
3.-...
4.-...
5.-...
6.-...
7.-...
8.-...
9.-...
10.-...

RESIDENCIA BARCELÓ PEDRERA DE TRINIDAD
05 CORTA A-B / PALARCA



Pedro Alban (Salvador, 1993) é artista visual e arquiteto. Sua pesquisa se debruça sobre o universo da construção e seus processos práticos ou subjetivos - fluxos materiais, implicações ecológicas e questões de memória. A experiência de ser o último a entrar em edificações antes delas deixarem de existir - ser a barreira final entre resgate e descarte - movimenta sua produção mais recente. Projetos selecionados incluem participações na Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (2019, 2022) e na Bienal Ibero-Americana de Arquitetura (2022), da qual foi um dos finalistas; as exposições individuais “Contracorpos” (2019) e “Notícias de Lugar Nenhum”, ambas em Salvador; e ainda participação na 64ª edição dos Salões de Artes Visuais da Bahia com o trabalho “Todo Material é Memória, Todo Resíduo também” (2022). É coautor do livro Cincotrês (2022) e ministrou a oficina “Território Material” no Instituto Tomie Ohtake (2024). Entre 2017 e 2022 fez parte do coletivo Mouraria 53 que, entre outras ações, ocupou e renovou uma ruína no centro antigo de Salvador a partir dos restos de mais de 60 demolições da cidade. Atualmente, junto com Natália Lessa e Fernanda Veiga, coordena a Arquivo, um projeto dedicado a facilitar e popularizar o reuso de materiais na arquitetura.





AO MORRE +
UM PEÇA DA
HISTORIA!

GRAFFITI

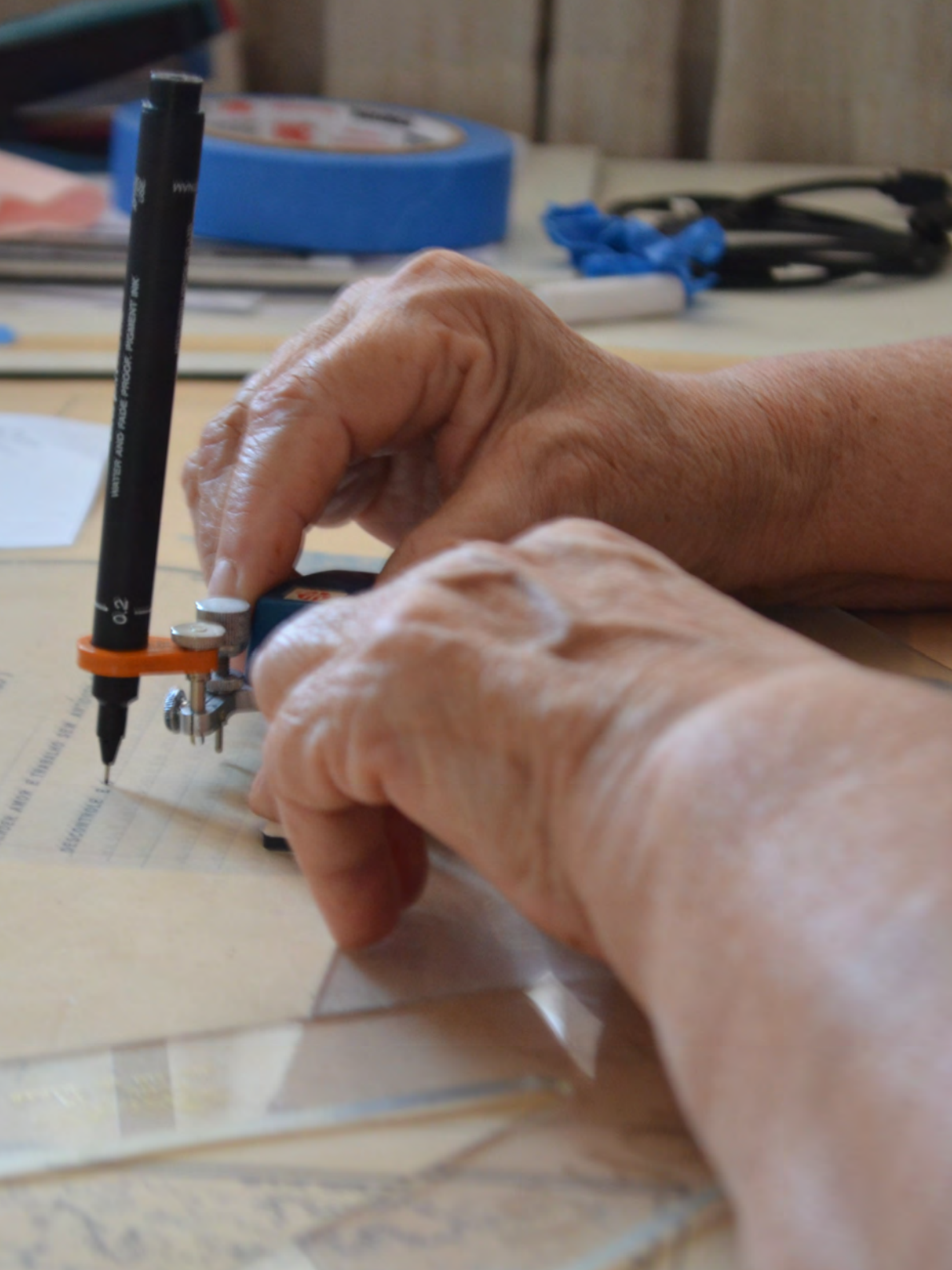
GRAND TREIN DO
SANTO RIBIHO
FO SUPER

Praça Conde dos Arcos
Rua Conde O'Eu

ESTACIONAMENTO

Plano Inclinado Gonçalves

E
Zona Azul





9

6

11

7A

8

10A

10B

15





ficha técnica

Curadoria: João Gravador

Montagem: Isabel Abreu, Hila Lobo, Júlia Vêras, Rodrigo Sena

Marcenaria: Jonas Ximenes, Guilherme Schallenbach

Iluminação: Alan dos Anjos

Normografia: Cione Fona

Operação CNC: Incaixe Artefatos

Arte gráfica: Lia Cunha | Duna

Plotagem: Iplotagem

Revisão de conteúdo: Fábio Gatti

Revisão de texto: Mariana Lyra

Fotografia: Paula Mussi, Fernando Gomes

contatos

Pedro Alban

+55 71 99963 3337

RV Cultura e Arte

Larissa Martina

+55 71 3347 4929